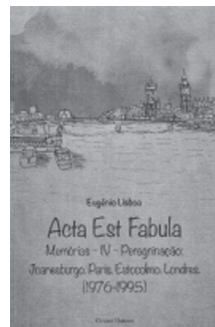


# *Acta est Fabula – Memórias IV – Peregrinação: Joanesburgo, Paris, Estocolmo, Londres (1976-1995)*

EUGÉNIO LISBOA

Guimarães: Opera Omnia, 2014, 510 p.



## **Eugénio Lisboa: itinerâncias de um Humanista<sup>1</sup>**

The man who writes about himself and his own time is the only man who writes about all people and about all time.

(George Bernard Shaw)

No término de uma longa *itinerância*, e a convite do Prof. Doutor Júlio Pedrosa, então Reitor da Universidade de Aveiro, Eugénio Lisboa viria a ocupar, entre 1996 e 2002, o lugar de Professor Catedrático Visitante, no Departamento de Línguas e Culturas. A presença deste Poeta, Crítico, Ensaísta e profundo conhecedor do universo literário e cultural português, francês, inglês etc., em muito contribuiu para prestigiar a Universidade de Aveiro, a qual, atenta ao seu excepcional curriculum académico e científico, e sentindo-se sua devedora, desejou homenageá-lo, atribuindo-lhe, em 2002, um Doutoramento *Honoris Causa* e, possibilitando, em 2011, a elaboração de uma obra que lhe é inteiramente dedicada. A pluralidade de géneros dos setenta e três textos (ensaios, cartas, poemas, testemunhos, uma entrevista e

---

<sup>1</sup> O texto que aqui se apresenta é extraído de um texto mais longo, elaborado no âmbito do lançamento do último volume de *Memórias* de Eugénio Lisboa, no Centro Nacional de Cultura (CNC), em 30 de Outubro de 2014. Parte deste texto serviu de base para uma *Nota/Comentário* a figurar no próximo volume da Revista *Colóquio-Letras*.

um questionário de Proust), reunidos sob o título de *Eugénio Lisboa: Vário, Intrépido e Fecundo – Uma Homenagem* (Martins / Onésimo, 2011), permite uma inequívoca pluralidade de leituras e reflecte um Eugénio Lisboa que sempre recusou a ditadura do pensamento único ou de quaisquer dogmas, um Eugénio Lisboa defensor de uma cultura humanista e universal. O conteúdo desses textos deixava já adivinhar, *dito por outros*, o seu percurso sofrido, caótico, várias vezes marcado pela ruptura, pela desterritorialização, pelo exílio e pelo desenraizamento, mas rico pela diversidade que lhe permitiu penetrar mundos tão díspares e distantes como o da produção e refinação petrolífera ou o da literatura. Do conjunto das actividades deste engenheiro com alma de poeta ressalta a impressão de diversidade, totalidade, complexidade. Será essa diversidade de interesses que o conduzirá, de um envolvimento inicial nas «ciências duras» à paixão pelas ciências humanas, trilhando, assim, um percurso indelevelmente marcado pelo modo como soube – como sabe – conciliar o «uno e o diverso». É engenheiro de formação, mas foi no mundo das letras que se distinguiu sendo, até, considerado o mais consagrado estudioso da geração literária presencista. Eugénio Lisboa é um «homem multifacetado nos saberes e no percurso, um dos grandes pensadores portugueses» do nosso tempo e é, como o descreveu Ernesto Rodrigues, «vário, intrépido e fecundo» (Rodrigues, 2011: 107-112).

De todas estas facetas se alimenta a obra que agora vem a lume, intitulada *Acta Est Fabula, Memórias – IV – Peregrinação: Joanesburgo, Paris, Estocolmo, Londres (1976-1995)*.

Num tempo marcado pela hipermediatização, onde o *imediat* é rei – e lei – e que, por isso mesmo, conduz, segundo Gilles Lipovetsky, ao fugaz e ao vazio, abunda por aí, sobretudo no conturbado universo dos *media* que assenta no *efêmero* da imagem e da notícia, um frenesim de escrita ficcional e/ou autobiográfica – expressão desesperada do temor/terror da rejeição, da indiferença e do esquecimento. Mas, porque a hipermediatização «produz» hiperconsumo, o público, inconstante, revela-se cada vez mais ávido de novidades e, portanto, ingrato e infiel. Ora, não escreve Memórias quem quer mas quem pode! Não se trata de escrever – *de se pôr em cena* –, para satisfazer egocentrismos e vaidades, mas de transmitir às gerações vindouras um legado histórico, poético e literário. É, sem sombra de dúvida, o caso de Eugénio Lisboa. Pelo muito que viveu e pelo muito que testemunhou, o leitor encontrará, nas suas Memórias, simultaneamente, o retrato do homem que ele foi (é) e a sua geografia sentimental; a história do(s) país(es) aos quais pertenceu mas

também a história do vasto mundo ao qual nunca foi indiferente. Em suma, uma parcela da história da própria humanidade... ínfima, é claro, se e quando projectada na eternidade...

Em 2012, Eugénio Lisboa iniciou-se na escrita memorialística e autobiográfica com um volume de memórias intitulado *Acta Est Fabula. Memórias – I – Lourenço Marques (1930-1947)*, que evoca as vivências do autor em Lourenço Marques, desde o seu nascimento até à sua partida para Lisboa, para aí se licenciar, no Instituto Superior Técnico em Engenharia Electrotécnica. O título, simultaneamente sugestivo e provocatório, confunde e interpela: *Acta Est Fabula*, fórmula utilizada na Roma Antiga para anunciar o final das representações teatrais – «a peça está representada» – (diz-se, ainda, que terão sido palavras proferidas pelo imperador Augusto no seu leito de morte) parece confrontar o leitor, *ab initio*, com a noção de finitude, no sentido de Paul Ricoeur, mas de uma finitude iminente.

Contudo, após a leitura das primeiras páginas, o leitor depressa se deixa envolver pela vivacidade e intensidade de uma narrativa, marcada pela ternura evocativa do paraíso da infância, mas também pela ironia mordaz tão característica de Eugénio Lisboa. O livro convoca para uma leitura poliédrica na qual os momentos de ironia, e até de comicidade, alternam com outros de grande emoção. Cada página respira o perfume da infância e da adolescência e relembra o sabor dos ensinamentos das coisas da vida: é a memória que acorda e traz ao de cima as recordações nostálgicas de um tempo de excepção – esse tempo no qual, diz Jean Cau, «même quand ils sont des enfers, les royaumes sont des Paradis» (Cau, 1980: contracapa). A sensação de finitude depressa se esbate dando lugar à certeza de que outros volumes virão, sem tardar, trazendo novas imagens de uma existência de rara riqueza e diversidade.

Eis que, em 2013, surge *Acta Est Fabula, Memórias – III – Lourenço Marques Revisited (1955-1976)*. O leitor atento interroga-se: «Como pode este 2.º volume ser o volume III?». E o autor esclarece:

No arquitectado plano de cinco volumes, que cobrirão o total do que tenho a dizer, nas minhas memórias, este é o terceiro volume. O primeiro, publicado em 2012, cobriu o período que vai de 1930 (ano do meu nascimento) a 1947 (ano da minha partida, de Lourenço Marques para Lisboa). O segundo volume, ainda não escrito, deverá cobrir o período de 1947 a 1955, os oito anos (com uma interrupção pelo meio), que estive em Portugal, a fazer o curso de engenharia e o serviço militar. Este terceiro volume deverá abranger o tempo que vai de 1955 (regresso

a Moçambique) até 1976 (saída definitiva de Moçambique). O quarto abrangerá o arco do tempo que parte de 1976 até 1995 (vida no estrangeiro, África do Sul, Suécia e Inglaterra). Por fim, o 5º e último volume, se para tanto me chegar a vida, abrangerá a vida, em Portugal, após o regresso de Inglaterra, em 1995. A razão de saltar do primeiro para o terceiro volume (sem redigir o segundo) é simples: tenho 83 anos e nada me garante que terei vida para redigir os ambiciosamente sonhados 5 volumes. Gostaria em todo o caso, de poder deixar escritos os tomos que dizem respeito à minha vida em África. Foi lá que comecei, mesmo que não vá ser lá que acabo. Esses dois livros, eu devo-os à cidade de Lourenço Marques e ao espaço africano e ao mar africano e à luz africana. Faço questão de pagar essa dívida. O resto será feito se os deuses deixarem. (Lisboa, 2013: 11).

Publicados os dois volumes-tributo à sua muito amada Lourenço Marques e saldada que está, pois, a sua dívida ao «espaço africano», com *Acta Est Fabula, Memórias IV*,<sup>2</sup> Eugénio Lisboa conduz o leitor através de uma longa «peregrinação», iniciada na dor intensa do desenraizamento, com a saída atribulada de Moçambique, por razões históricas por demais conhecidas, um breve exílio na África do Sul de onde partirá, fazendo escala em Portugal, para um ano gélido na Suécia, e, finalmente, para Londres, onde os deuses lhe reservam um longo período de paz e de reconstrução pessoal, familiar e profissional:

Como anunciara no volume anterior destas Memórias (1955-1976), aquele que agora se publica – o IV deste empreendimento – acompanha os anos que vão de 1976 a 1995, abrangendo as minhas estadias em Joanesburgo, Paris, Estocolmo e Londres. A estadia mais longa foi a de Londres – 17 anos – e foi também a mais rica e frutuosa. É ela que ocupa, neste livro, de longe, o maior espaço. (Lisboa, 2014, 11).

---

<sup>2</sup> Os três volumes de Memórias, até hoje publicados, têm a chancela da editora Opera Omnia e incluem fotografias e desenhos que os enriquecem sobremaneira. O primeiro é ilustrado por Dana Michaelles que assina também as imagens da capa e da contracapa. O volume IV apresenta uma capa belíssima, em sintonia com a dos dois volumes anteriores, representando, agora, não Lourenço Marques mas Londres. O desenho da capa, da autoria de Mário Tropa, primo de Eugénio Lisboa, a residir em Inglaterra, representa o Tamisa e Westminster. Note-se, em jeito de reposição da verdade – «a César o que é de César» –, que Mário Tropa é também o autor da capa do volume III (uma vista do Alto Mahé, da infância e adolescência de Eugénio Lisboa): por lapso, a ficha técnica atribui o desenho a Vamona Navelcar.

Já em 1998 Eugénio Lisboa confessava, enfaticamente, numa entrevista a Júlio Conrado, o desejo inadiável de escrever sobre esse tempo: «Não descanso enquanto não escrever as minhas memórias de Londres, [...] anos cheios, inesquecíveis, de teatro (de teatro!), de música, de livros, de viagens, de encontros, de inspiração» (*apud* Conrado, 2011, p.257). Sendo Eugénio Lisboa um admirável francófilo, apetece-me acrescentar: *Voilà! C'est chose faite!*

A literatura portuguesa não parece pródiga no campo da produção memorialística nem autobiográfica, nem diarística, mas apresenta, apesar dessa escassez, alguns exemplos dignos de referência, desde logo, Miguel Torga (cujo diário abrange mais de 60 anos da sua existência), Fernando Aires (autor de cinco belos volumes de um diário que Onésimo Teotónio Almeida me deu a conhecer), José Régio, Vergílio Ferreira Manuel Laranjeira, Irene Lisboa, Florbela Espanca, José Saramago e, mais recentemente, Marcello Duarte Mathias e agora Eugénio Lisboa.

Outras literaturas ofereceram, a Eugénio Lisboa, exemplos inspiradores. Em língua inglesa: Boswell, Defoe, Pepys, Swift, Shelley, Mary Godwin, George Eliot, Arnold Bennett, Somerset Maugham, Katherine Mansfield; em língua francesa: Benjamin Constant, Vigny, Baudelaire, Delacroix, Léon Bloy, Charles du Bos, Jules Renard, Romain Rolland, Paul Morand, Marguerite Yourcenar etc. Destacando-se, pelo desejo que manifestaram de manter um registo marcado pela «persistência, assiduidade e franqueza e exactidão»: Amiel, André Gide, Julien Green, os irmãos Goncourt...

Memorialismo, literatura confessional, escrita autobiográfica, autoficção, fabulações de si... são algumas das categorizações contemporâneas para referir uma produção textual em que a vida de um autor e a sua obra surgem intimamente ligadas. O universo da *escrita do eu* compreende não só as autobiografias mas também as memórias, o diário íntimo, as confissões, o ensaio, o auto-retrato e, até, o romance autobiográfico. Inextricável galáxia onde o sujeito raramente se inclui em apenas uma destas categorias, porquanto um texto pode ser simultaneamente autobiográfico, memorialístico, diarístico, como é, claramente o caso de Eugénio Lisboa neste seu *Acta Est Fabula, Memórias – IV – Peregrinação*.

As Memórias constituem um registo, no qual o sujeito faz o relato de factos passados da sua vida, sem nunca descurar a sua ligação a um determinado contexto histórico-social. A sua história pessoal surge, assim, interligada à história colectiva, isto é, à história do seu tempo. Na verdade, não é tarefa fácil organizar e dar sentido à matéria intensa e dispersa de que é feita uma vida, onde se entrelaçam tempos e lugares, pessoas e sentimentos. O trabalho

da memória situa-se na confluência do tempo da escrita e do tempo narrado, revelando-se, quase sempre, um árduo labor. A imersão no passado está sujeita a esquecimentos (conscientes ou inconscientes), distorções e enganos que conduzem, não raras vezes, a uma *reconstrução-idealização* desse tempo. Contudo, é essencial, sublinha Walter Benjamin, manter viva, através da «rememoração», a relação com o passado, e, assim, «recuperar as esperanças pretéritas», como referem Adorno e Horkheimer.

No texto que me confiou para figurar no livro de homenagem a Eugénio Lisboa, que atrás referi, Frederico Monteiro da Silva, o colega e o amigo desde os idos de 58, enumera as suas qualidades, sublinhando nele o «vício da leitura», a «integridade e talento», «muita e variada erudição» e uma «prodigiosa memória», atributos que fazem de Eugénio Lisboa um mestre na «arte de citar» e se revelam, agora, essenciais, para o seu projecto de escrita memorialista! (Silva, 2011: 135-141). De facto, o papel desempenhado pelo elemento primacial que é a memória, enquanto mecanismo psíquico capaz de armazenar informações passadas, é determinante na *escrita do eu*.

Próximo da autobiografia, o diário revela-se um género particular, quer pelo seu carácter fragmentário, quer pela sua relação com o tempo: por se tratar de uma escrita quotidiana, reflecte com mais clareza e verdade, o presente e permite, segundo Philippe Lejeune, a «conservação da memória». Neste volume IV, Eugénio Lisboa escreve as suas Memórias, que, afirma, «são, também, uma Autobiografia», recorrendo, precisamente, de modo astuto e eficaz, a passagens inéditas do seu diário. Assim, ao mesmo tempo que acelera o ritmo da narração, assegura também um maior grau de fidelidade no que toca aos factos narrados. Eugénio Lisboa é pois um autor, narrador das suas vivências e mundivisão mas é, também, um literato atento, um pensador e um crítico das problemáticas inerentes aos diversos géneros da *escrita do eu*. Mais ainda: não sendo Eugénio Lisboa um mero escritor mas um criador preocupado com os mecanismos da sua criação, não raras vezes interrompe a narração, quebrando o ritmo discursivo, para abrir espaços de reflexão, introduzindo anotações/ reflexões sobre a distinção entre Autobiografia e Memórias, sobre a importância do diário, sobre questões como a *sinceridade do eu* que escreve, sobre a *fidelidade e veracidade* dos factos narrados.

\*

É por demais óbvia a impossibilidade de, contar – e conter – mesmo em 500 páginas, uma «experiência de 19 anos, rica, variada, intensa e, não raro, sofrida». Eugénio Lisboa reconhece o quão frustrante, doloroso, até, foi ter de «seleccionar, cortar, suprimir, rejeitar, silenciar» tanto do que foi importante,

vivido com emoção e assimilado com proveito. Para além das inúmeras viagens que aqui relata, viu-se forçado a omitir outras tantas, «não menos importantes, do ponto de vista de descoberta e fruição (aos Estados Unidos, à África do Sul, a Roma, a Paris, ao Senegal)» – que, no entanto, se encontram registadas no seu diário ainda inédito, «com excepção da visita ao Senegal, cujo caderno se perdeu numa viagem entre São Francisco e Nova Iorque». A publicação desse diário acontecerá, diz o autor, «em devido tempo e servirá de complemento» aos três volumes de Memórias já publicados e a mais dois que estão já na forja, respectivamente o volume II e o volume V. É, aliás, fácil de entender que a publicação de um diário, com uma dose aceitável de sinceridade, não é coisa para se fazer de ânimo leve. Como gosta de dizer Eugénio Lisboa, remetendo para o mítico D. Sebastião: «publicar sim... mas devagar...». Mais dolorosa, ainda, foi, confessa, a omissão de pessoas: «aquelas de quem não cheguei a falar ou as de quem falo sem ênfase suficiente». A angústia dessa omissão (total ou parcial) é impossível de contornar:

[...] À medida que as páginas destas memórias de Londres se acumulam, sinto-me desorientado entre o muito que já escrevi e o imenso material que tenho à minha frente. Vou ter que sacrificar, que cortar, deixar para trás, esquecer, assassinar... Vou ter que cometer injustiças, apagar presenças fortes que me enriqueceram [...] Meti-me nesta aventura, acumulei informações, papéis, memórias e, qual aprendiz de feiticeiro, já não consigo controlar a música a que dei início. Olho, com pena, para histórias, páginas de diário, documentação de vária natureza – e quase nada disso vai caber neste livro [...]. Julgo – digo-o para me conformar – ter deixado aqui, apesar de tudo, alguma coisa que ajude a dar “uma ideia” do que foi a minha vida, o que a encheu, o que a vivificou, nos dezassete anos que passei em Londres.” (Lisboa, 2014: 11).

O autor invoca Tennessee Williams: «há um tempo para partir, mesmo quando não há um lugar certo para ir» e Robert Graves: «Good-bye to all that» (*ibidem*: 17) para melhor partilhar com o leitor a «terrível sensação de perda irrecuperável», a ruptura dolorosa, quase trágica, com a sua vida em Moçambique. A saída (agora, definitiva) de Lourenço Marques e os primeiros passos rumo ao desconhecido conjugam-se, aqui, no tempo e no modo da angústia, da amargura e da nostalgia. Como Stefan Zweig, Eugénio Lisboa assistiu, impotente, ao desmoronar de um tempo e de um mundo que não mais voltaria: «In the life of one man never the same time returns». (T. S. Eliot) (*ibidem*: 13).

Eugénio Lisboa teve, é verdade, a sua parte de provações mas os deuses, que ele amiúde invoca, dotaram-no de um «destino», no sentido de André Malraux, um percurso *fora do comum*, amplamente merecedor de registo para memória futura... E esses mesmos deuses, premiando a sua fé inabalável, não o abandonaram nunca, mesmo nos momentos mais improváveis: «Havia em mim – houve sempre – uma espécie de optimismo que me soprava garantias de que os deuses, a mim, não me deixariam cair... [...] e se o lugar em Londres se não viesse a confirmar? Mais uma vez, confiei nos deuses.» (Lisboa, 2014: 65, 103).

Nas estrelas estava escrito que seria pela literatura que «os deuses» moldariam, de maneira indelével, a sua existência: em 1954, o encontro do jovem estudante de engenharia com a figura tutelar de José Régio, professor no liceu de Portalegre, leva-o a enveredar, definitivamente, pelo domínio da literatura; em 1976, uma carta de Fernando Namora, então presidente do *Instituto de Cultura Portuguesa*, levou-o para o frio da Suécia, oferecendo-lhe um lugar na Universidade de Estocolmo (cf. *ibidem*: 47); em 1977, um poeta mudará, definitivamente o seu rumo:

Foi, nesta altura, que fui levar ao David Mourão-Ferreira, então Secretário de Estado da Cultura, uma mensagem do seu homólogo sueco. A conversa que se seguiu foi amistosa e trouxe-me uma boa surpresa [...] perguntou-me se me agradaria a ideia de ir ser Conselheiro Cultural, na Embaixada de Portugal, em Londres. A sugestão juntava o útil – salvava-me da *débâcle* – ao agradável – ir trabalhar naquilo de que gostava – e, mesmo, ao inimaginável: ir viver em Londres, o único sítio onde me via a viver, em alternativa à vida que, durante 38 anos, tivera em Lourenço Marques. Sempre pensara que, se tivesse um dia que sair de África, era Londres e não Paris ou Lisboa que me atraía. E o David, como boa fada propiciatória e divinatória, ali estava a fazer a mais improvável das propostas. Temi que os deuses se estivessem a divertir comigo. [...] Nesse dia, senti que se me tirara um peso de cima. Via, agora, o futuro mais desanuviado. (Lisboa, 2014: 101-102).

E assim se inicia um período de dezassete anos em que o seu novo cargo lhe devolverá a tranquilidade necessária para se reconstruir, escrever, «aproveitar» a inesgotável oferta cultural de Londres, disfrutar da vida em família, com a Antonieta, a Geninha e a Manucha. A dor da separação da Generala, a gata que, por imperativos legais, ficou em Joanesburgo (cf. *ibidem*: 55), poderá finalmente esbater-se através de outro convívio inesperado, na casa de Dullwich:



De entre os esquilos que vadiavam pelo nosso bosque, havia um que nos topou logo: acho que chegou à conclusão de que nós lhe calhávamos (qualquer coisa no género: “Estes gajos têm o focinho de quem gosta de bichos”). Ao fim de pouco tempo, verificámos que o nosso esquilo era, na realidade, uma esquila, porque estava grávida [...] Começou a aproximar-se de nós, com alguma reserva, passo em frente, passo atrás, passo ao lado, numa subtil coreografia de ballet suavemente envolvente... Diante desta mestria dançante, demos-lhe logo o nome de “Rudolfá”, em homenagem ao Rudolfo Nureiev. (*Ibidem*: 132).

A paixão por gatos (que ainda hoje permanece intacta!) perpassa as páginas 433-435, marcadas por uma grande ternura, nas quais o leitor descobre o Jules e o Jim que a Geninha ofereceu aos pais, em 1986 (assim chamados, em homenagem ao cineasta francês François Truffaut).

Nas suas funções de Conselheiro Cultural, Eugénio Lisboa experimenta a situação «um pouco peculiar» do diplomata que «vive dentro da Embaixada, onde fala português com os colegas portugueses e lida com assuntos que dizem respeito a Portugal. E comunica todo o tempo com Lisboa». Mas, «lá fora», existe a Londres que ele deseja e que o apaixona, «com a sua vida própria, os seus valores, os seus sons, os seus ritmos, as suas atracções e repulsões. Há o teatro, os concertos, os pubs, os museus, o Tamisa, os parques, os scones, a língua...». (Lisboa, 2014: 210). Rui Knopfli, Alberto Lacerda, Luís de Sousa Rebelo, Hélder Macedo faziam parte do seu mundo...

Francisco Seixas da Costa, até há pouco Embaixador de Portugal em Paris, partilhou com Eugénio Lisboa, durante vários anos, o quotidiano da Embaixada de Londres:

Sou testemunha privilegiada de que, em Londres, Eugénio Lisboa desenvolveu um trabalho notável na promoção da nossa cultura [...] dedicava-se, com afinco, à edição de traduções de clássicos da nossa literatura, através da “Carcenet Press”. Com o Helder Macedo e com Michael Collins, seus principais cúmplices [...], o Eugénio procurou “furar” o complexo mundo do tecido cultural britânico, tendo, a seu lado na Embaixada, a ajuda entusiasta e atenta de Mercês Gibson. [...] Em Londres, o Eugénio funcionava como uma espécie de “placa giratória” por onde passava muito do mundo cultural português, mas onde a África lusófona estava sempre presente. (Costa, 2011: 132).

Numa entrada do seu blogue, particularmente inteligente e culto, «Duas ou três coisas», Seixas da Costa não esconde as saudades desses tempos londrinos e

deles esboça um retrato cheio de humor e muito coincidente com tudo o que Eugénio Lisboa relata no volume que agora publica:

Na Londres da primeira metade dos anos 90, ao final da tarde, num tempo bem antigo em que ainda havia tempo nas embaixadas para conversas, recordo-me de algumas nos sofás azuis do meu gabinete em Belgrave Square, com o António Almeida Lima, o Jorge Torres Pereira e o Caldeira Guimarães, ouvindo histórias desse velho Moçambique colonial, contadas pelo Eugénio e pelo Rui Knopfli. Era a lembrança das polémicas literárias e da discussão em torno da poesia de Reinaldo Ferreira (filho), do mundo dos jornais locais e do recorte de figuras de jornalistas como o António de Figueiredo (que então vivia também em Londres), era a memória das artes de António Quadros (pintor) e Malangatana, era a política, desde Jorge Jardim às aventuras da oposição à ditadura, neste caso com saliência para Almeida Santos, os “democratas de Moçambique” e a igreja inquieta, bem como os prelúdios visíveis da Frelimo. [...] Não faço ideia se o Jorge Torres Pereira [...] se recorda de um comentário que um dia fez [...], depois de uma dessas charlas a duas vozes – distintas, polémicas, às vezes cáusticas e cruéis, mas ambas imensamente cultas e com imensa graça: “Você já reparou no privilégio que temos de poder, um dia, vir a evocar estas conversas com dois intelectuais que viveram experiências como o Lisboa e o Knopfli?”.

É verdade. Já não temos o Knopfli connosco, com o seu inseparável cigarro, às vezes com o cão debaixo do braço [...]. Mas o Eugénio Lisboa [...] continua a dar testemunho da sua imensa e inesgotável vivacidade intelectual. (Costa, 28.11.2012).

\*

Não se tratava de elaborar, aqui, uma aturada reflexão, confrontando opiniões e teorias de estudiosos como Georges Gusdorf, Jean Starobinsky, Philippe Lejeune; Gilbert Durand, Michel Foucault ou Jacques Le Goff. Com este texto pretende-se, tão somente, despertar no leitor o prazer proustiano e insubstituível da leitura, penetrando no universo multifacetado de Eugénio Lisboa, seguindo-o na sua longa «peregrinação», de Lourenço Marques (onde morava a felicidade) a Joanesburgo (onde permanecerá para sempre a memória do seu pai) e a Paris («tristonha e melancólica» porque sem companhia, Paris *não é* uma festa!); de Estocolmo («Brave New World») a Londres, desviando por Lisboa, Roma, Paris, Nova Iorque, Senegal...

Dezanove anos é muito tempo! Eugénio Lisboa conseguiu a proeza de os compactar em 500 páginas assombrosas, que, estou certa, o leitor devorará

avidamente. Num estilo límpido, fluido, despretenso e eficaz, desfilam lugares, pessoas, acontecimentos. Os momentos de angústia entrelaçam-se com episódios ternurentos, cómicos ou até hilariantes, fazendo jus ao lendário optimismo eugeniano.

No final, o leitor dar-se-á conta de que este volume IV assume a forma de uma longa meditação sobre a vida e o quão efémera ela é. «Na minha idade, a grande culpa é esta: não ter tempo», afirma Eugénio Lisboa (2014: 360), que acrescenta:

A nossa vida, mesmo rica, mesmo variada, é uma corrida que dura pouco... [...] como dizia Disraeli, a vida é demasiado curta para poder ser pequena. Recordando momentos, encontros, descobertas, deslumbramentos e até tragédias, não consigo pensar que a minha vida tenha sido pequena. Vou, pois, tentar arquivar aqui, com palavras incompetentes, milagres que ultrapassam a minha capacidade de os exprimir. [...] vou falar-vos da vida. Falando dela, irei viver algum tempo mais. Só ela, a capital da memória, é capaz de me dar este modesto suplemento de vida. (Lisboa, 2012: 13).

Assim é, de facto: porque se ergue contra o esquecimento, a escrita memorialística possui essa função mágica de prolongar o *ser* no tempo fluido da memória. O limite poderia ser a eternidade!

## Referências bibliográficas

### Textos

- LISBOA, Eugénio (2012), *Acta Est Fabula. Memórias – I – Lourenço Marques (1930-1947)*, Guimarães, Opera Omnia.
- (2013), *Acta Est Fabula, Memórias – III – Lourenço Marques Revisited (1955-1976)*, Guimarães, Opera Omnia.
- Eugénio Lisboa (2014), *Acta Est Fabula, Memórias – IV – Peregrinação: Joanesburgo, Paris, Estocolmo, Londres (1976-1995)*, Guimarães, Opera Omnia.

### Estudos críticos

- CAU, Jean (1980), *Nouvelles du paradis*, Paris, Gallimard.
- CONRADO, Júlio (2011), «O ensaio e outros prazeres», *in*: MARTINS, Otília Pires / ALMEIDA, Onésimo Teotónio (eds.), *Eugénio Lisboa: Vário, Intrépido e Fecundo – Uma Homenagem*, Guimarães, Opera Omnia, p. 53-261.

- COSTA, Francisco Seixas da (28.11.2012): «Eugénio Lisboa», *Duas ou três coisas. Notas pouco diárias de Francisco Seixas da Costa* (blogue), URL: <http://duas-ou-tres.blogspot.pt/2012/11/eugenio-lisboa.html> (Consultado em Novembro de 2012).
- (2011), «Eugénio Lisboa – O Conselheiro Cultural», in: MARTINS, Otilia Pires / ALMEIDA, Onésimo Teotónio (eds.), *Eugénio Lisboa: Vário, Intrépido e Fecundo – Uma Homenagem*, p. 131-133.
- LEJEUNE, Philippe (1975), *Le Pacte Autobiographique*, Paris, Éditions du Seuil.
- MATHIAS, Marcello Duarte (1997), «Autobiografia e diários», in *Colóquio-Letras*, n.º 143-144, Janeiro-Junho, p. 41-62.
- MARTINS, Otilia Pires / ALMEIDA, Onésimo Teotónio (eds.) (2011), *Eugénio Lisboa: Vário, Intrépido e Fecundo – Uma Homenagem*, Guimarães, Opera Omnia, (440p).
- RODRIGUES, Ernesto (2011), «Vário, Intrépido e Fecundo. Um olhar sobre *Indícios de Ouro I e II*», in: Martins, Otilia Pires / Almeida, Onésimo Teotónio (eds.), *Eugénio Lisboa: Vário, Intrépido e Fecundo – Uma Homenagem*, p. 107-112.
- SILVA, Frederico Monteiro da (2011), «Homenagem a Eugénio Lisboa» in: MARTINS, Otilia Pires / ALMEIDA, Onésimo Teotónio (eds.), *Eugénio Lisboa: Vário, Intrépido e Fecundo – Uma Homenagem*, p. 135-141.

Otilia Pires Martins\*

---

<sup>3</sup> Professora Associada com Agregação da Universidade de Aveiro. Directora do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro (CLLC).